

As mulheres na animação do Brasil: um panorama sobre história, pesquisas e ações coletivas

Women in Animation in Brazil: an overview of history, research, and collective actions

Carla Schneider^I , Laryssa Prado^{II} , Patrícia Lindoso^{III} , Claudia Bolshaw^{IV} 

RESUMO

Considerando a escassez de registros relacionados à presença das mulheres no centenário da história da animação no Brasil, este artigo buscou apresentar um panorama de pesquisas que traçaram um perfil dessa historiografia e, mais especificamente, do tema das mulheres, partindo de dois objetivos: (1) entender como se dá o movimento das pesquisas sobre as brasileiras na animação a partir do olhar científico desenvolvido no meio acadêmico; (2) apresentar as ações promovidas pelo Mulher Anima como resposta ao panorama revelado. Como abordagem metodológica, recorremos à análise da bibliografia existente, assim como a filmes, pesquisas acadêmicas ou institucionais que tenham sido publicados até 2020. Com esses dados em mãos, uma vez organizados, verificou-se que existe uma movimentação resiliente e cada vez mais consistente de mulheres para mulheres ocorrendo na área. Desse modo, foi possível traçar com maior clareza os caminhos percorridos e abrir possibilidades de investigar mais precisamente os desafios e as limitações que ainda são obstáculos para uma representatividade mais equilibrada dentro do setor.

Palavras-chave: cinema de animação; história da animação; mulheres; Brasil; representatividade.

ABSTRACT

Considering the shortage of records and registrations related to the presence of women in the centenary of the history of animation in Brazil, this article seeks to present an overview of researches that traced a profile of this historiography and, more specifically, on the subject of women, based on two objectives: (1) to understand how the investigations on Brazilian women in animation are being developed from the scientific perspective in the academic world; (2) to present the actions promoted by the group Mulher Anima as a response to the panorama that has been revealed. As a methodological approach, the analysis of the existing bibliography was used as a resource, as well as films, academic or institutional research that have been published until 2020. With these data and information in hand, once organized, it was found that there is a resilient and increasingly consistent movement from women to women taking place in the area. In this way, it was possible to trace the paths taken more clearly and consequently open up possibilities to investigate more precisely the challenges and limitations that are still obstacles to a more balanced representativeness within the animation sector in Brazil.

Keywords: animation; history of animation; women; Brazil; representativeness.

^IUniversidade Federal de Pelotas – Pelotas (RS), Brasil. E-mail: ufpel.carla@gmail.com

^{II}Universidade Estadual de Campinas – Campinas (SP), Brasil. E-mail: laryssaprado@live.com

^{III}Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte (MG), Brasil. E-mail: patricialindosobarros@gmail.com

^{IV}Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: mcbolshaw@gmail.com

Recebido em: 15/06/2021 – Aceito em: 14/10/2021

APRESENTAÇÃO

Em 2017, a filmografia da animação brasileira completou cem anos, tendo como marco inicial o curta-metragem *O Kaiser*, do cartunista Álvaro Marins, que assinava com o pseudônimo Seth. Os primeiros registros que temos relacionados a essa informação nos remetem ao livro *A experiência brasileira no cinema de animação*, de Antonio Moreno (1978), e são revisitados no documentário *Luz, Anima, Ação*, de Eduardo Calvet (2013). Além disso, no contexto do centenário, surgiram os livros *Trajectoria do Cinema de Animação no Brasil*, de Ana Flávia Marcheti (2017), e *Animação Brasileira: 100 Filmes Essenciais*, organizado por Gabriel Carneiro e Paulo Henrique Silva (2018).

Contudo, como apresentam Laryssa Prado e Erika Savernini no artigo *A mulher no cinema de animação brasileiro: representação, representatividade e imagem da mulher em Frivolité, Dossiê Rê Bordosa e Guida* (2018), ao observar como a grande mídia, os pesquisadores e os profissionais do campo abordaram o centenário, foi possível notar que a presença das mulheres era irrisória, já que raros nomes foram citados.

Ressalta-se que a ausência das mulheres nesses textos comemorativos não parece ser só uma opção de quem os produz, de quem opta por tratar de animações nas quais a presença masculina seja dominante, mas é mesmo um reflexo do estado da arte na produção nacional: um meio majoritariamente masculino tanto pelo predomínio de homens na direção e nas funções-chave criativas quanto pela representação. (PRADO; SAVERNINI, 2018, p. 12).

Em contraponto a essa aparente invisibilização, nos anos que se seguiram e ainda sob a ocasião do centenário, observamos diversas vozes femininas trazendo reflexões que consideramos fundamentais acerca das brasileiras no campo da animação. Destacam-se iniciativas como a mesa-redonda *Mulheres na Animação: Representatividade no Mercado*, que ocorreu no dia 24 de julho de 2018 na programação do Anima Forum, durante o Anima Mundi, no Rio de Janeiro (RJ). Nessa mesma data, foi oficializada a criação do Fórum Animação Brasileira das Mulheres, a partir da união de profissionais do setor da animação — incluindo animadoras, diretoras, produtoras, ilustradoras, pesquisadoras, professoras, estudantes e demais mulheres que mantêm conexões e relações com a atividade. Essa tomada de consciência, vinculada a ações concretas, fortaleceu o debate e, principalmente, contribuiu para formular novas perguntas sobre as mulheres atuantes na animação no Brasil quanto a representatividade, organização, democratização de recursos, conhecimentos, condições de trabalho e oportunidades por todo o país. Outro evento a ser destacado é o 1º Encontro de Animadoras da América Latina, que aconteceu em março de 2019 e foi coordenado por Pao Becco, durante o Stop Motion Our Fest, em Buenos Aires, Argentina, onde houve a presença de representantes da Argentina, do Brasil, do Chile e do Uruguai.

Nesse contexto, entre documentários, textos publicados, diálogos e relatos possibilitados por esses e outros eventos, constatamos as seguintes necessidades: ampliação dos registros sobre a presença das mulheres no histórico da filmografia

da animação nacional; aprimoramento das relações e condições vivenciadas pelas brasileiras nesse mercado de trabalho da indústria criativa.

Assim encontramos os fundamentos que formulam nossos objetivos neste estudo:

- 1) entender como se dá o movimento das pesquisas sobre as brasileiras na animação a partir do olhar científico desenvolvido no meio acadêmico;
- 2) apresentar as ações promovidas pelo Mulher Anima como resposta ao panorama revelado.

Para dar conta desses objetivos, nossa abordagem metodológica envolve: revisão bibliográfica; pesquisas em bancos de dados de cinematecas brasileiras, catálogos de festivais e relatos de pessoas envolvidas diretamente nos eventos mencionados; levantamento de pesquisadores e seus respectivos estudos apresentados em eventos acadêmicos.

Desse modo, ao consultar os anais de edições de eventos realizados entre 2017 e 2020, como COMPÓS, Intercom, SEANIMA e SOCINE¹, identificamos raros estudos relacionados às mulheres na animação brasileira. Refletindo sobre o contexto atual de fortalecimento desse cenário e da crescente promoção de eventos acadêmicos na modalidade *on-line* (o que parece ser mais inclusivo), seria possível intuir que haveria avanços nos debates ou, ainda, que quantitativamente seria encontrado um número maior de trabalhos científicos. Contudo, tomando como exemplo a programação da edição de 2021 do Fazendo Gênero, seminário com amplitude internacional e o maior sobre gênero no país, não foram encontrados trabalhos que explorassem essa temática.

A partir desse contexto, acreditamos na visibilidade promovida pela publicação do presente artigo, tendo como propósito ampliar o alcance de um movimento de fortalecimento de artistas e pesquisadoras no campo da animação. Intuímos que essas mulheres estejam dispersas pelo Brasil realizando investigações sobre esse tema. A nossa ideia é impulsionar ações e conteúdos que gerem condições para que elas possam se conhecer, reconhecer e, juntas, articular-se. Entendemos que a missão de mapear diversas atividades e iniciativas nesse sentido, principalmente pela extensão do nosso território nacional, é complexa, ainda mais se considerarmos que estamos em fase inicial de pesquisa. Em outras palavras, o recorte aqui apresentado não deve ser visto como essencialista e delimitador, visto que é impossível esgotar essa temática.

Para este momento, trazemos estudos que revelam a potência das mulheres na animação quando observadas a partir do vínculo universitário, como estudantes, professoras, pesquisadoras e/ou realizadoras. Além disso, descrevemos atividades realizadas pelo coletivo Mulher Anima objetivando promover a conexão entre pessoas e conteúdos necessários ao conhecimento geral e ao diálogo acerca desse assunto.

1 O 1º GT Mulheres no Cinema e no Audiovisual na SOCINE aconteceu em 2018. Disponível em: <https://www.socine.org/encontros/seminarios-tematicos-para-o-bienio-2017-2019/?id=155>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BRASILEIRAS NA ANIMAÇÃO: PESQUISAS UNIVERSITÁRIAS

A partir de meados de 1980, deu-se o surgimento da primeira formação em animação a nível superior no país, com a abertura de turmas dentro do bacharelado em Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Isso proporcionou solo fértil para a produção de pesquisas e filmes animados no contexto universitário, conforme observado ao longo dos anos que se seguem. Entretanto foi com o uso e o acesso a tecnologias digitais, em termos de equipamentos e programas em computadores, que se verificou, a partir dos anos 2000, a criação de vários cursos de ensino superior dedicados à área do audiovisual também com animação. Iniciava-se, portanto, um período de transformação e democratização do acesso a esse campo de aprendizado no país, inclusive com o trânsito de estudantes entre vários estados e várias regiões. Nesse contexto foi possível localizar pesquisadoras, professoras, egressas e estudantes de graduação e pós-graduação. Assim, identificamos até o momento os dados investigados por Ana Claudia França, Ana Luisa Monteiro, Carla Schneider, Claudia Bolshaw, Cristiane Fariah, Christiane Quaresma, Jennifer Jane Serra, Josi Reis Pereira, Laryssa Prado, Nadine Lannes, Patrícia Lindoso e Ramona Krüger.

Claudia Bolshaw (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro [PUC-Rio]) é uma das pesquisadoras e professoras que vêm se dedicando há mais tempo nessa área. Em 2004, foi coordenadora do 1º Censo sobre os Animadores do Brasil, ação realizada pela Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA), tendo como objetivos: mapear todas as produções realizadas no campo da animação de 1917 a 2004 e promover um levantamento estatístico dos profissionais atuantes na área da animação no país, tanto na produção quanto na formação. Claudia também contribuiu traçando diretrizes sobre os dados históricos para o documentário *Luz, Anima, Ação* (Eduardo Calvet, 2013). Em 2018, esteve presente no diálogo realizado pela mesa temática Mulheres na Animação: Representatividade no Mercado (ANIMA MUNDI, 2018) e participou da criação do Fórum Animação Brasileira das Mulheres. Em 2019, foi uma das representantes brasileiras no 1º Encontro de Animadoras da América Latina (Stop Motion Our Fest, Argentina) apresentando um panorama com dados ordenados sobre as mulheres na filmografia da animação nacional no período entre 1917 e 2019. A partir do seu estudo, ficou evidente a lacuna de registros no período entre 1917 (*O Kaiser*, Seth) e os anos de 1970 (primeiros filmes do coletivo Irmãos Wagner).

Como um sistema de engrenagens quando um encaixe possibilita o movimento para a peça subsequente, percebemos também, nesta perspectiva de estudos, que algumas ações acabam servindo de força motriz para outras. Assim, notamos que o evento ocorrido em 2018 no Rio de Janeiro pode ter servido de inspiração para a iniciativa similar que aconteceu no ano de 2019, em Buenos Aires, Argentina. Da mesma forma, a dissertação de Cristiane Fariah (2014) abordando aspectos socioeconômicos que retratam o mercado brasileiro de animação serviu como base de dados para as pesquisas de Ramona Krüger, Lannes e Carla Schneider (2019) e Reis (2018), os quais abordaremos nos parágrafos a seguir. Apresentado durante o

Anima Forum (2015) com o título *Retratos do Mercado Brasileiro de Animação*, o estudo de Cristiane, por meio da aplicação de formulário *on-line*, contou com respostas de 840 profissionais, tendo 72% se identificado como homens e 28% como mulheres. Entre outros dados, a pesquisa revelou que apenas 23% das mulheres participantes avançaram em seus estudos acadêmicos chegando à pós-graduação (especializações, mestrados ou doutorados). Contudo os salários dos profissionais do sexo masculino eram maiores em quase todas as faixas de renda.

Em 2018, ainda refletindo sobre esse cenário, dados coletados por Rosaria Moreira no formulário *Animação para todos e todas*, disponível no relatório *Mulheres na animação: representatividade no mercado* (ANIMA MUNDI, 2018) apresentados na ocasião do Anima Forum, no Rio de Janeiro, foram uma das fontes principais para o estudo desenvolvido por Ramona Krüger, Lannes e Carla Schneider, que, no ano seguinte, 2019, foi apresentado no SEANIMA. *Mulheres no Mercado Brasileiro de Produtos Audiovisuais em Animação* inicia destacando dados com enfoque na produção de séries animadas indicando que o Fundo Setorial do Audiovisual² e a Lei da TV Paga³ operavam, nos anos 2010, como mecanismos de incentivo criados e administrados pelo Ministério da Cultura e pela Agência Nacional do Cinema (Ancine).

Nesse contexto, as autoras definiram como objetivo de pesquisa compreender como estava configurado o cenário nacional do mercado de animação (nos diversos formatos dos produtos audiovisuais) em termos quantitativos e qualitativos no comparativo entre mulheres e homens. Para tanto, estabeleceram três fontes essenciais: a pesquisa *Eu sou Animação no Brasil*, de Cristiane Fariah (2014); o número de ingressantes e de egressos no período 2010 a 2015 no curso de Cinema de Animação (Universidade Federal de Pelotas [UFPEl]); os dados coletados no formulário *on-line* (citado anteriormente) *Animação para todos e todas*, por Rosaria Moreira, em 2018.

No cruzamento dessas informações, as pesquisadoras traçaram o perfil das mulheres no atual mercado brasileiro, considerando itens como tempo de atuação, funções ocupadas e tipo de produção. Dados do curso de Cinema de Animação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), no Rio Grande do Sul, revelaram que no período de 2010 (ano de sua fundação) até 2015, as turmas foram compostas de ingressantes na proporção aproximada de 45% se identificando como mulheres. Essa porcentagem foi similar quando verificada na constituição do quadro de professores. Embora destaquem certo equilíbrio na equiparidade de gênero no ambiente de formação (57,7% da média das turmas era composta de mulheres), o mesmo não acontece na transição para o mercado de trabalho.

A conclusão do estudo realizado por Krüger, Lannes e Schneider (2019) aponta para um princípio de transformação nesse mercado brasileiro, fomentado pela fase produtiva observada na última década, bem como pelo surgimento de cursos de

2 O Fundo Setorial Audiovisual (FSA) foi criado pela Lei nº 11.437 (BRASIL, 2006) e promove linhas de financiamento na cadeia produtiva da atividade audiovisual para todas as regiões brasileiras.

3 A Lei 12.485 (BRASIL, 2011) estabelece cotas de horários semanais para a exibição em canais da 'TV à Cabo' produções audiovisuais brasileiras, evidenciando conteúdos diversificados e de qualidade, gerando emprego, rendas, melhora do profissionalismo e o fortalecimento da cultura nacional.

nível superior em instituições de ensino. Entretanto, conforme alertam as autoras, a questão da representatividade vai além da mulher, com a necessidade de voltar os olhos para a inclusão de outros grupos marginalizados que também buscam seu espaço nesse campo.

Observa-se que as trajetórias metodológicas das pesquisas de Krüger, Lannes e Schneider (2019) e Reis (2018) se aproximam no uso da análise quantitativa para compreender a representatividade das mulheres na animação brasileira. Enquanto o primeiro estudo busca esses dados no mercado de trabalho com foco na produção de séries animadas, o segundo circunscreve seu tema na filmografia de longas-metragens animados no período de 1984 a 2017. *Mulheres na Animação Brasileira: a presença de profissionais no processo criativo* (REIS, 2018) objetivou a análise da participação das mulheres na animação nacional tendo como hipótese a sua baixa presença em cargos criativos, o que seria influência da questão de gênero. A pesquisadora utilizou como fontes os dados divulgados pela Ancine e o relatório *Eu Sou Animação no Brasil* (FARIAH, 2014), além de levantamento realizado a partir dos créditos finais dos longas de animação brasileiros.

Assim como Fariah (2015), Krüger, Lannes e Schneider (2019), o trabalho destaca as assimetrias em relação ao número de estudantes formadas e sua atuação no mercado, bem como as disparidades dos salários entre homens e mulheres no setor da animação. Contudo Reis observa que iniciativas de organização entre as profissionais (como mesas, fóruns, grupos, festivais), aliadas ao fortalecimento das pautas feministas e a políticas públicas e incentivos governamentais, estão promovendo uma mudança de cenário, tornando a representação e a representatividade tópicos de destaque.

Confirmando sua hipótese, Reis (2018) concluiu que as tarefas mais importantes das equipes de produção de animação têm ficado a cargo dos homens. Para as mulheres têm restado os trabalhos secundários, como acontece no filme *Morte e Vida Severina* (Afonso Serpa, 2010), no qual elas ocupam apenas espaços de assistência.

Embora indicando que essa condição não ocorra exclusivamente no contexto brasileiro, nessa perspectiva é que se apresenta o escopo do estudo *A presença através da ausência: as mulheres como realizadoras de produtos audiovisuais*, de Krüger, Lannes e Schneider (2019).

Ao analisarem algumas imagens e alguns dados quantitativos presentes em livros e filmes, as autoras apontam a presença das mulheres nas seguintes condições:

- 1) trabalhando na equipe do longa-metragem de animação argentino *Peludópolis* (Quirino Cristiani, 1931), partindo de análise de cenas apresentadas no documentário *Quirino Cristiani: the mystery of the first animated movies* (Gabriele Zucchelli, 2007);
- 2) a menção de uma única mulher, Lotte Reiniger, na lista contendo 30 nomes designados como grandes ícones da animação (COSTA, 2010);
- 3) o nome de mulheres somando não mais do que 12 ocorrências, num total de 44, que constam como capítulos temáticos no livro *Animation Now* (WIEDEMANN, 2007).

Por fim, as autoras trazem seu alinhamento com o pensamento de Maureen Furniss (2017) ao destacarem que é notório, no campo da animação mundial, que as mulheres historicamente têm tido menor destaque que os homens. Contudo, pelo olhar de Furniss, desde os anos 1970 já se observa, nos Estados Unidos, um número maior delas nos cursos universitários com essa formação profissional, bem como nos festivais, com produções autorais.

No Brasil, isso ocorreu a partir dos anos 1980, conforme já mencionado, e, a partir dos estudos de Lannes e Schneider (2019), essa abordagem recebeu um olhar que buscou estabelecer relações entre os dados creditados ao longo do centenário e as observações que destacam as mulheres na atualidade. *Quem são elas: mapeamento das mulheres pioneiras no cinema de animação no Brasil* enfatiza o movimento promissor que se origina pelas mulheres logo após a graduação em instituições de ensino superior com ênfase nessa formação. Assim, citam os nomes de Giovanna Muzel (UFPEL), Cassandra Reis (Universidade de São Paulo) e Camila Kater (Universidade Estadual de Campinas [Unicamp]), que vêm conquistando espaços como finalistas ou, ainda, ganhando prêmios com seus filmes em festivais nacionais e internacionais entre os anos entre 2018 e 2020.

Contudo, antes de destacar o que está acontecendo nos anos mais recentes, as autoras buscaram uma revisão analítica sobre as principais referências (livros e filmes) encontradas na ocasião da celebração do centenário da animação brasileira. Nesse contexto, pontuaram que, por mais de 30 anos, a única referência bibliográfica para os interessados em estudar o cinema de animação do Brasil foi o livro de Antonio Moreno (1978). Ao investigá-lo, descobriram que as únicas mulheres apresentadas em destaque eram a animadora tcheca Hermína Týrlová e a artista abstrata argentina Ana Sacerdote. Entre as brasileiras, verificaram que são mencionadas somente três, nomeadas como Vera, Gracinha e Eliane, por fazerem parte do grupo de animação experimental Fotograma. Porém os registros são informais, apenas citando seus primeiros nomes.

Após, as pesquisadoras analisaram os documentários *Luz, Anima, Ação* (Eduardo Calvet, 2013) e *O Cinema Animado* (Arnaldo Galvão, Sérgio Nesteriuk, 2014). O primeiro contém entrevistas com Olívia Latini (sobrinha do cineasta Anélio Latini), Aída Queiroz e Lea Zagury (criadoras do festival Anima Mundi) e Rosana Urbes (animadora, ilustradora e artista de *storyboard*). Já o segundo documentário, *Cinema Animado*, traz depoimentos de Beth Carmona (consultora, produtora e gestora de projetos especializados na área infantojuvenil), Mayra Lucas e Marta Machado (produtoras executivas).

Complementando esse mapeamento das referências, as autoras descreveram que mais recentemente, no ensejo da celebração do centenário, no livro *Trajatória do cinema de animação no Brasil* (MARCHETTI, 2017), constam duas animadoras: Célia Catunda, animadora e cocriadora de diversas séries animadas de sucesso nacional e internacional, como *O Show da Luna* e *Peixonauta*, e Rosana Urbes, com uma entrevista e algumas imagens de sua expressividade da animação de figuras femininas.

O estudo de Lannes e Schneider (2019) segue mantendo o seu objetivo de visibilizar as brasileiras na animação, citando seus nomes e seus filmes com reconhecida trajetória em festivais nacionais e internacionais, a saber: Rosana Urbes (*Guida*, 2014) e Rosaria Moreira (*O Projeto do Meu Pai*, 2016), Nádia Mangolini (*Torre*, 2017), Nara Normande (*Guaxuma*, 2018), Giovanna Muzel (*Só sei que foi assim*, 2018), Cassandra Reis (*Lé com Cré*, 2018) e Camila Kater (*Carne*, 2019).

Ainda é interessante pensar que, baseando-se no trabalho de Serra (2016), essa seria uma das razões pelas quais as animadoras têm explorado filmes autorais em curta-metragem como um recurso possível para trabalhar livremente. A partir disso, podemos esperar que esses espaços abertos pelas mulheres possibilitem uma representação diversa, que foge do olhar majoritariamente masculino. Contudo, entre as produções acadêmicas, a relação entre animação brasileira e representação de gênero ainda conta com poucos estudos. Um deles é a dissertação de mestrado de Laryssa Prado, defendida em 2019, com o título *Séries de Animação Brasileiras: expressão e gênero em O Show da Luna, Meu AmigãoZão e Irmão do Jorel* (PRADO, 2019), no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A pesquisa parte da premissa de que, com o fortalecimento do debate a respeito de representação e representatividade de gênero na mídia, conteúdos não sexistas estariam surgindo no cinema de animação. Assim, a partir da perspectiva dos estudos feministas e da psicanálise, Prado investiga como é construída a expressão de gênero dos personagens de séries de desenhos animados infantis brasileiros, produtos de uma fase de crescimento da animação nacional. A autora utiliza como recursos metodológicos a criação de uma matriz baseada em análise fílmica, Teste de Bechdel, Teste Russo e Teste CM, além de entrevistas realizadas com os criadores de seus objetos de pesquisa: Kiko Mistrorigo (*O Show da Luna*), Andrés Lieban (*Meu AmigãoZão*) e Juliano Enrico (*Irmão do Jorel*).

Obtendo resultados que ficaram aquém do que era esperado, Prado concluiu que, como iniciativa genuína, consciente ou inconsciente, fruto de uma demanda de mercado ou de uma demanda social, as animações nacionais apresentam pequenos avanços nas representações e expressões de gênero, contudo ainda são heteronormativas, não indo além do feminino e do masculino. Em geral, existe maior preocupação para que personagens femininas quebrem estereótipos, o que a autora associa ao fortalecimento de discussões proporcionadas pelo movimento feminista. Assim, no âmbito em que foi analisada, a animação nacional, comercial e de massa ainda não é representativa em termos de diversidade e multiplicidade de formas de ser em relação à sexualidade.

A partir de 2020, a pesquisadora Ana Claudia França (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) iniciou a divulgação de trechos da pesquisa desenvolvida em sua tese de doutorado, *Mulheres no circuito de cinema em Curitiba entre 1976 e 1989*, que investiga as interseções entre história, memória e imagens. Ela escreveu o artigo *Los Hermanos Wagner, Brasil en películas animadas* (FRANÇA, 2020) para a plataforma Arxiu Xcèntric, el cinema del Centre de Cultura Contemporània

de Barcelona. As reverberações dessa iniciativa trouxeram informações e registros mais aprofundados sobre o contexto e as produções em animação realizadas por Elizabeth, Ingrid, Rosane e Helmuth Jr., que, juntos, formam o coletivo Irmãos Wagner em Curitiba (PR).

Ainda em 2020, durante o III SEANIMA (que nessa edição ocorreu no formato *on-line*), Ana Paula Penkala (2020a; 2020b), a partir da submissão do resumo *Um modelo analítico dos estudos feministas em audiovisual: metodologia da análise fílmica para animação*, propôs em sua apresentação uma metodologia na qual se interseccionem as categorias e os conceitos dos estudos feministas e os instrumentos e procedimentos da análise fílmica, considerando a animação como universo empírico. Sua importância seria justificada pelas lacunas que a análise fílmica em si não preenche quando utilizada para analisar as especificidades do cinema de animação.

Inicialmente a autora aponta para três eixos:

- 1) o protagonismo feminino, relacionando-se a instância narrativa, o ponto de vista e a identificação, questionando quem conduz o olhar espectral;
- 2) a heterossexualidade compulsória e a existência lésbica, partindo da produção de sentido, do uso de signos e códigos de linguagem como metáforas e alegorias, envolvendo a interpretação de elementos como cor, iconografia;
- 3) o olhar masculino (*male gaze*), que, por meio da ideologia, observa um conjunto, ou seja, o sistema de signos e códigos que operam no interior da narrativa e sua lógica.

Dividindo o debate com Penkala (2020a; 2020b), em sua apresentação, Jennifer Serra introduziu o estudo *Com a carne viva: o corpo feminino em animações de Vivian Altman e Camila Kater*, propondo uma análise sobre o corpo feminino na animação documentária a partir do trabalho das duas animadoras brasileiras citadas. Os objetos escolhidos foram, respectivamente, o longa-metragem *Espelho Meu* (2010) e o curta *Carne* (2019).

Partindo de reflexões de Jayne Pilling, Serra argumenta que as mulheres encontraram na animação um meio de representar a si mesmas, especialmente em produções independentes, modificando a visão estereotipada e patriarcal que comumente recai sobre os seus corpos. A autora ressalta que, em *Carne*, Camila Kater explora o ponto de cozimento da carne como uma metáfora às diferentes fases de vida das mulheres.

Cinco mulheres fornecem depoimentos que são representados em animação por cinco animadoras, incluindo a diretora, com técnicas e visualidades distintas. Essa diversidade exposta tanto nas falas quanto na animação apresenta-se também na representação dos corpos femininos, que, em oposição aos relatos de objetificação sofrido pelas protagonistas, resistem a padrões machistas, depreciativos ou hipersexualizados, sendo corpos “empoderados”. (SERRA, 2020a).

Em *Espelho Meu* (2010), de Vivian Altman, em direção compartilhada com as documentaristas Irene Cardona, Firouzeh Khosrovani e Isabel Noronha, a contribuição

de realizadoras de origens distintas (Brasil, Espanha, Irã e Moçambique, respectivamente) ecoa em sintonia com os olhares múltiplos possíveis sobre os corpos femininos, envolvendo contextos como cultura, identidade e nacionalidade.

Serra (2020a; 2020b) propõe ainda um resgate de outros filmes produzidos por Vivian Altman partindo do destaque dado pela animadora ao corpo feminino, como nos filmes *La Minute Féminine* (2002), *A Mãe dos Netos* (2008) e *Tandem* (2019); *Salani* (2010) e *Meninos de Parte Nenhuma* (2011); além da série animada *Boa Noite, Martha* (2014).

Também destacando filmes com autoria feminina, ainda no III SEANIMA, Marcos Buccini (2020) apresentou o estudo *Um panorama histórico das animações pernambucanas dirigidas por mulheres*, trabalho construído com a colaboração de Cristiane Quaresma e que caminha por vias similares às produções anteriores ao desenvolver-se a partir da disparidade de gênero na animação brasileira e internacional.

Buccini (2020) retoma dados do USC Annenberg Inclusion Initiative em pesquisa desenvolvida com o Women in Animation, entre 2007 e 2018, revelando que apenas 3% dos longas-metragens de animação mapeados foram dirigidos por mulheres e 13% dos episódios de séries tiveram mulheres no comando (SMITH *et al.*, 2019). O autor reflete que o reconhecimento de mulheres como Lotte Reiniger, Claire Parker, Joy Batchelor, Joanna Quinn, Regina Pessoa e Caroline Leaf na direção de animação ainda é a exceção, não a regra. No Brasil, o panorama é o mesmo.

Como parte de uma extensa pesquisa sobre a animação pernambucana, Buccini (2020) apresenta Patrícia Alves Dias como a primeira diretora do estado, com o filme *Presepe* (1986), seguido pelo *stop motion O Pavão Misterioso* (1988). Segundo o autor, apenas 16 anos depois encontra-se outra produção com direção feminina: *Banheiro Massa* (Maria Gabriela e Romero da Fonte, 2004). O pesquisador dá seguimento ao seu trabalho citando as produções lideradas por mulheres em Pernambuco, sendo elas: *7 vidas* (Catarina Apolônio, 2005), primeira animação fruto de um trabalho de conclusão de curso de Pernambuco; *Caracolou* (Juliana Freitas, 2005), ganhador do edital Curta Criança; *Brecha* (Julia Araújo e Nathália D'Emery, 2010); *Coração Delator* (Julia Araújo e Nathália D'Emery, 2011); *1:21* (Adriana Câmara, 2010); *Dia Estrelado* (Nara Normande, 2011), primeira obra de uma pernambucana a ter destaque em festivais; *Wilma* (Eva Jofilsan, 2011); *Reminiscências* (Clarissa Machado, 2012); *Salu e o Cavalo Marinho* (Cecília da Fonte, 2014); as séries *Noisé* (2014), *Lá vem* (2015), *Foi assim, foi assado* (2020) e os curtas *Fazenda Rosa* (2017) e *Um peixe para dois* (2019), de Chia Beloto e Marila Cantuária; *Adeus* (Marília Feldhues, 2018); *Zoopédia* (2017) e *Iuri Udi* (2018), de Camila Monart; *Guaxuma* (Nara Normande, 2018), que, segundo o autor, pode ser considerado a principal animação de Pernambuco, ganhadora de prêmios em Gramado (RS) e Brasília (DF) e com participação em Annecy; *Não moro mais aqui* (Laura de Araújo, 2019) e *O Homem das Gavetas* (Duda Rodrigues, 2019).

Como parte de uma análise quantitativa, Buccini (2020) concluiu que de 1968 até o momento da escrita do trabalho, em 2020, das 334 obras de animação realizadas em Pernambuco, 61 tiveram pelo menos uma mulher creditada como diretora, o que, para o pesquisador, demonstra uma baixa representatividade, mas

não traduz a importância para a filmografia do estado, na qual ele afirma que as mulheres são protagonistas.

Ainda durante o III SEANIMA, no dia 3 de novembro de 2020 ocorreu a sessão Mulheres Maravilhosas da Animação Brasileira na programação do SEANIMA Convida. Na ocasião ocorreram transmissões com a presença de artistas que trabalham com a história da animação no Brasil, pesquisam-na, estudam-na e movimentam-na, tendo as suas experiências no centro dessas conversas inéditas. Esse encontro propiciou ainda o diálogo a respeito do panorama da participação feminina na indústria de animação e o legado dessas artistas, que vinham desafiando padrões convencionais de participação e representação de gênero. A mesa-redonda foi dividida em:

- 1) bloco com mediação de Jennifer Serra (Centro Audiovisual de São Paulo) e as convidadas Camila Kater, Che Marcheti e Vivian Altman;
- 2) bloco com mediação de Claudia Bolshaw (PUC-Rio) e as convidadas Antonia Muniz, Patrícia Lindoso e Raissa Laban.

Nessa ocasião Patrícia Lindoso participou também como representante do projeto Mulher Anima e trouxe para a conversa algumas reflexões e alguns avanços acerca das pesquisas em andamento realizadas pelo grupo.

MULHER ANIMA: UM MOVIMENTO BRASILEIRO NECESSÁRIO

Retomando a ideia de que uma ação pode ser força motriz para as subsequentes, verificamos que, a partir das reflexões proporcionadas pelo Fórum Animação Brasileira das Mulheres, surgiram iniciativas de pesquisadoras, artistas, estudantes e mulheres interessadas em visibilizar suas produções. Essas investigações ocorrem em âmbitos diversos e têm se retroalimentado para tornar consistentes as informações sobre as mulheres no setor.

Rosaria Moreira, durante a mesa Mulheres na animação: representatividade no mercado (2018), relatou que na maior parte de sua trajetória na animação conheceu somente homens nesse mercado de trabalho, o que traduz a experiência de várias outras mulheres que podem se reconhecer na sua fala.

Em resposta às necessidades de reavaliação da presença das mulheres na animação brasileira, em 2019 surgiu o Mulher Anima. Inicialmente constituído como um grupo de pesquisa coordenado por Carla Schneider e com a contribuição das estudantes Ramona Krüger e Nadine Lannes, Aline Goulart e Mariane Machado (Cinema de Animação, UFPel), o projeto partia da ideia de mapear as brasileiras na animação. A partir de 2020, com a atuação de Patrícia Lindoso, Ana Monteiro (ambas egressas desse mesmo curso universitário) e Laryssa Prado (Unicamp), essa iniciativa tem se expandido e se tornado uma plataforma de centralização de conhecimentos e movimentações sobre o tema.

À vista disso, esse coletivo tem realizado um conjunto de ações norteadas por:

- 1) examinar todas as regiões do país em busca de títulos e artistas que possam (por motivos diversos) ter se perdido dos registros;

- 2) incluir e organizar os dados ausentes, visando atualizar a historiografia da animação brasileira;
- 3) promover, simultaneamente, um espaço *on-line* (<http://mulheranima.pro>) pensado como um ponto de referência e comunicação para acesso a conteúdos e atividades (em diversas linguagens e formatos) relacionados à participação das mulheres na animação no Brasil.

Um dos primeiros passos, em termos de abordagem metodológica, envolveu a análise da ficha técnica de cada uma das obras destacadas pela *Associação Brasileira de Críticos de Cinema* e ABCA no livro *Animação Brasileira: 100 Filmes Essenciais*. Dentro desse apanhado, foi localizada a quantidade de 13 filmes creditando mulheres como diretoras. Verificou-se ainda que a primeira menção às mulheres na direção de alguma dessas animações ocorreu somente em 1978, com o curta-metragem *Pudim de Morango*, com direção creditada aos Irmãos Wagner. A partir dessas informações, dois pontos nos chamaram a atenção:

- 1) desde o marco referencial para o centenário, com o curta-metragem *O Kaiser* (1917), existe um intervalo de pelo menos seis décadas sem a menção de animações realizadas por mulheres;
- 2) a assinatura Irmãos Wagner corresponde a um coletivo de três irmãs (Elizabeth, Ingrid, Rosane) e um irmão (Helmuth Jr.), nos levando a pensar que, mesmo quando são maioria, as mulheres são nomeadas por palavras no masculino.

Isso revela práticas na língua portuguesa que configuram processos de invisibilização que restringem o reconhecimento da presença das mulheres. Esses, entre tantos outros indicadores de assimetria, levaram-nos a compreender a relevância de realizar ações a favor da presença e movimentação das mulheres na animação brasileira.

No decorrer de 2021, o Mulher Anima tem realizado as seguintes iniciativas: o Mulher Anima Podcast e a Animação Coletiva das Mulheres. A primeira ação nasceu do desejo de Carla Schneider, Laryssa Prado e Patrícia Lindoso em compartilhar leituras, pesquisas, experiências e reflexões sobre conteúdos e perspectivas sobre as mulheres e suas trajetórias, sejam pesquisadoras, sejam animadoras, professoras, estudantes, artistas e demais profissionais do mercado: esse espaço é de todas as pessoas interessadas. O Mulher Anima Podcast conta com dois episódios publicados, abordando autoras como Chimamanda Adichie (2014), Sara Ahmed (2020), Audre Lorde (1984), Linda Nochlin (2016), Kimberlé Crenshaw (2016), Patrícia Hill Collins (2015), Andi Spark (2016), Joan Scott (2005), entre outras, sempre buscando associar o que está sendo pensado na teoria com a prática da animação.

Outra iniciativa, conhecida como A Animação Coletiva das Mulheres, consiste na criação de um curta-metragem animado, coletivo e autoral para celebrar o legado das brasileiras na animação, numa ideia trazida pelo animador Maurício Squarisi (Núcleo de Cinema de Animação de Campinas) e pela produtora Janice Castro (Diálogos Produções Culturais). Em parceria com o Mulher Anima, a proposta

pode se expandir para abranger o máximo possível a extensão do território brasileiro. Tendo como bases pesquisas já realizadas e registradas em planilha⁴, contendo coleta e sistematização de dados sobre realizadoras na animação brasileira, identificamos mulheres que poderiam ser caracterizadas como pioneiras em cada região e receber essa celebração. Assim, surgiram os nomes: Elizabeth, Ingrid e Rosane Wagner – Irmãos Wagner (Sul); Fernanda e Flávia Alfinito (Norte); Helena Lustosa (Sudeste); Márcia Deretti (Centro-Oeste) e Silvana Delacio (Nordeste). Buscando estabelecer conexões entre gerações das brasileiras na animação, selecionamos cinco artistas que ainda não tivessem realizado seus primeiros filmes autorais para animar o curta-metragem: Beatriz Belo (Norte); Denise Cunha (Nordeste); Leuí Abreu (Centro-Oeste); Mariana Fogo (Sudeste); Paula Abril Marinho (Sul). Cabe enfatizar que essa iniciativa busca possibilitar que as animadoras criem livremente os caminhos que desejam percorrer no roteiro, com técnicas e ferramentas de sua preferência. Foi estabelecida uma parceria com a organização do Dia Internacional da Animação no Brasil, tendo a previsão de estreia na programação *on-line* do evento, em outubro de 2021.

Todas essas ações derivam de movimentações e diálogos globais que, também no campo da animação, buscam promover a construção coletiva de circunstâncias favoráveis a vivências pessoais e profissionais com condições mais igualitárias.

CONSIDERAÇÕES

Ao desenvolver essas ações e participar desse movimento, percebe-se o valor da potência que é conectar pessoas em um país de dimensões continentais como o Brasil. As pesquisas e investigações têm considerável efeito nesse sentido, auxiliando na compreensão sobre de que forma as mulheres sumiram dos registros do centenário da animação brasileira. Esse é um fenômeno que precisa ser questionado e de maneira constante, principalmente para que o senso comum não continue a perpetuar situações e discursos reconhecidamente problemáticos e prejudiciais a determinados grupos.

Mais do que redescobrir essas mulheres na animação e encontrar seus trabalhos que foram negligenciados e ainda não suficientemente reconhecidos (conforme observado até então), pretende-se prosseguir nessa trajetória transversal de união consciente e intencionalmente articulada. Só assim será possível refletir sobre as transformações necessárias para reconfigurar um cenário mais justo e equilibrado.

O percurso deste artigo revelou ainda que, além da necessidade de (re)conhecer seus trabalhos, analisar quais foram os papéis ocupados por essas mulheres e como elas fizeram parte da produção de animação em termos de representatividade, a representação das personagens femininas também deve ser um ponto de atenção, visto que a imagem construída sobre o gênero perpassa a mídia e os produtos culturais. Isso deixa ainda diversas portas abertas para novas pesquisas e a noção de que muito ainda precisa ser discutido, questionado e construído no campo.

⁴ Essa planilha está disponível no *site* do *Mulher Anima*: <http://mulheranima.pro>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Como pessoas que pesquisam e criam a animação e são entusiastas dela, vislumbramos os passos dessa jornada também de forma visual, como uma grande engrenagem. Depois de um primeiro movimento, é impossível retornar ao início ou parar a energia que nos move e nos contagia. O esforço feito para iniciar essa ação é o impulso necessário para que ela continue acontecendo, envolvendo diversas pessoas e iniciativas e reverberando no fortalecimento da animação feita por mulheres no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AHMED, S. Estraga-prazeres feministas (e outras sujeitas voluntariosas). **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 82-102, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27642. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ANIMA MUNDI. Mulheres na animação: representatividade no mercado. **Relatório Anima Forum 2018**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 74-79, 2018. Disponível em: https://issuu.com/festanimamundi/docs/anm2018_1015_relatorioforum_single_. Acesso em: 14 de jun. de 2021.
- BRASIL. Lei nº 11.437, de 28 de dezembro de 2006. Criação do Fundo Setorial do Audiovisual. **Código Civil**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11437.htm. Acesso em: 17 nov. 2021.
- BRASIL. Lei 12.485, de 12 de setembro de 2011. Criação da Lei da TV Paga. **Código Civil**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12485.htm. Acesso em: 17 nov. 2021.
- BUCCHINI, M. Um panorama histórico das animações pernambucanas dirigidas por mulheres. *In*: **SEANIMA**, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/dmlqJGKFCYI?t=73>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- BUCCHINI, M. Um panorama histórico das animações pernambucanas dirigidas por mulheres. *In*: **SEANIMA**, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020. **Anais Eletrônicos** [...]. No prelo.
- CARNEIRO, G.; SILVA P. H. (Orgs.). **Animação brasileira: 100 filmes essenciais**. Belo Horizonte: ABRACCINE, ABCA, Letramento, 2018.
- COLLINS, P. H. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. *In*: MORENO, R. (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42.
- COSTA, J. **Películas claves del cine de animación**. Barcelona: Robinbook, 2010.
- CRENSHAW, K. A urgência da interseccionalidade. Palestra proferida no **TED Talks**, Monterey (Califórnia), 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kimberle_crenshaw_the_urgency_of_intersectionality?language=pt-br. Acesso em: 15 jun. 2021.
- FARIAH, C. A. G. **Design da animação no Brasil: um censo demográfico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014. Disponível em: http://anapaulanasta.com/wp-content/uploads/2015/10/FARIA_Cristiane_odesigndaanimacaonobrasil.pdf. Acesso em: 12 de jun. 2021.
- FARIAH, C. Retratos do mercado brasileiro de animação. **Relatório Anima Forum 2015**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 71-76, 2015. Disponível em: https://issuu.com/festanimamundi/docs/relatorio_tela_interativo2. Acesso em: 14 jun. 2021.
- FRANÇA, A. C. C. V. Los Hermanos Wagner, Brasil en películas animadas. **Xcèntric, el cinema del CCCB**. Barcelona, 2020. Disponível em: <http://xcentric.cccb.org/es/programas/fitxa/los-hermanos-wagner-brasil-en-peliculas-animadas/234297>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- FURNISS, M. **Animation: the global history**. Reino Unido: Thames & Hudson, 2017.

- KRÜGER, R.; SCHNEIDER, C. **Mulheres no mercado brasileiro de produtos audiovisuais em animação**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Cinema de Animação) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://l.ufpel.edu.br/KrugerSchneider>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- KRÜGER, R.; LANNES, N.; SCHNEIDER, C. A presença através da ausência: as mulheres como realizadoras de produtos audiovisuais. *In: SIIPE – Congresso de Iniciação Científica, 2019, Pelotas. Anais Eletrônicos [...]*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/LA_04952.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.
- LANNES, N.; SCHNEIDER, C. Quem são elas: mapeamento das mulheres pioneiras no cinema de animação no Brasil. *In: SIGAM - Simpósio Internacional de Gênero, Arte e Memória, 2019, Pelotas. Anais Eletrônicos [...]*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2019, p.293-297. Disponível em: <https://l.ufpel.edu.br/VISIGAM2019>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- LORDE, A. **Irmã outsider**. São Paulo: Grupo Autêntica, 1984.
- LUZ, ANIMA, AÇÃO. Direção: Eduardo Calvet. Produtora: Ideograph. Rio de Janeiro, 2013. 1 DVD (99 min.).
- MARCHETI, A. **Trajatória do cinema de animação no Brasil**. São Paulo: Ed. do Autor, 2017.
- MORENO, A. **A experiência brasileira no cinema de animação**. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.
- MULHERES MARAVILHOSAS DA ANIMAÇÃO BRASILEIRA. *In: SEANIMA, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020*. Disponível em: <https://youtu.be/FXEmcJvxERo>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- NOCHLIN, L. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- O CINEMA ANIMADO. Direção: Arnaldo Galvão e Sergio Nesteriuk. Produção: Um Filmes. São Paulo, 2014. 1 DVD (110 min.).
- PENKALA, A. P. Um modelo analítico dos estudos feministas em audiovisual: metodologia da análise fílmica para animação. *In: SEANIMA, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020a*. Disponível em: <https://youtu.be/dmlqJGKFCYI?t=4141>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- PENKALA, A. P. Um modelo analítico dos estudos feministas em audiovisual: metodologia da análise fílmica para animação. *In: SEANIMA, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020b. Anais Eletrônicos [...]*. No prelo.
- PELUDÓPOLIS. Direção de Quirino Cristiani. Buenos Aires: 1931.
- PRADO, L.; SAVERNINI, E. A mulher no cinema de animação brasileiro: representação, representatividade e imagem da mulher em *Frivolidá, Dossiê Rê Bordosa e Guida*. *In: LEITE, S. Diversidade na Animação Brasileira*. Goiânia: MMarte, 2018. p. 10-28.
- PRADO, L. **Séries de animação brasileiras: expressão e gênero em O Show da Luna!, Meu Amigãozão e O Irmão de Jorel**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9997>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- QUIRINO CRISTIANI: o mistério dos primeiros filmes de animação. Direção: Gabriele Zucchelli. Produção: The Caravel Animation. Londres, 2007. 1 DVD (88 min.).
- REIS, J. A. P. **Mulheres na animação brasileira: a presença de profissionais no processo criativo**. 2018. Monografia (Graduação em Rádio, TV e Internet) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2018.
- SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. *Revista estudos feministas*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100002>
- SERRA, J. J. Com a carne viva: o corpo feminino em animações de Vivian Altman e Camila Kater. *In: SEANIMA, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação III, 2020a*. Disponível em: <https://youtu.be/dmlqJGKFCYI?t=2635>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SERRA, J. J. Com a carne viva: o corpo feminino em animações de Vivian Altman e Camila Kater. *In*: SEANIMA, Seminário Brasileiro de Estudos em Animação, 2020b. **Anais Eletrônicos** [...]. No prelo.

SERRA, J. J. Representações do feminino no cinema de animação: análise dos documentários animados Daddy's Little Bit of Dresden China e Topor et Moi. *In*: Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016. **Anais Eletrônicos** [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3180-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SMITH, S. L.; CHOUEITI, M.; PIEPER, K.; CLARK, H. Increasing inclusion in animation: investigating opportunities, challenges, and the classroom to the C-Suite Pipeline. USC Annenberg Inclusion Initiative. **Women in Animation**. 2019. Disponível em: <https://assets.uscannenberg.org/docs/aai-inclusion-animation-201906.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SPARK, A. **Animatrix: Animating Female Experience**, 2016. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Queensland College of Art Arts, Education and Law, Griffith University. Queensland, 2016. Disponível em: https://research-repository.griffith.edu.au/bitstream/handle/10072/365369/Spark_2016_01Thesis.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 out. 2020.

WIEDEMANN, J. **Animation Now**. Köln: Taschen, 2007.

Sobre as autoras

Carla Schneider: Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2014), professora e pesquisadora desde 2010 da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Laryssa Prado: Doutoranda em Mídias pela Universidade de Campinas (Unicamp, 2021).

Patrícia Lindoso: Mestranda em Artes/Cinema pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Claudia Bolshaw: Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2015), professora e pesquisadora desde 1988 da PUC-Rio.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

Contribuições das autoras: Schneider, C.: conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, supervisão, validação, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição. Prado, L.: conceituação, curadoria de dados, análise formal, metodologia, escrita – revisão e edição. Lindoso, P.: conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, escrita – primeira redação, escrita – revisão e edição. Bolshaw, C.: conceituação, curadoria de dados, análise formal.

